

a grande noite da lua encomendada

Pois fui, vi e voltei, cansada de tanto patinar por Quintas do Vinagre e Alcoitão, Portugal. A reportagem completa por certo vocês a leram, em O GLOBO de segunda-feira passada. Quando enrolei na Quinta de Alcoitão, pisando por quilômetros de jardim atapetado de vermelho, andando por dois mil metros de pavilhão mabeolito, com centenas de lustres de coral, vendo toalhas mandadas fazer na Alemanha com iniciais de AP em meio metro, quando ainda vi na piscina mesas postas para o café da manhã para oitocentas pessoas, ouvindo quatro orquestras se revezarem diante da fonte, que jorrava água azul, quando meu pescoço se cansou de olhar à volta e ver guirlandas feitas com frutas de toda a espécie, nos tetos, e quando, afinal, meu queixo se pôs no lugar, no exato momento em que até os queixos dos milionários também voltavam à posição exata e o olhar dessa gente, de passmo se pôs placativo, como que para acordar, aí então eu dei graças, muitas graças mesmo, por estar ali dentro, naquele luxo todo, trabalhando. Sem ser amiga de Antenor Patife. Ser amiga dela, naquele momento, significava uma certa conivência com aquela agressão toda. Sim, porque fazer o que aquele homem fez, gastar o que ele gastou, mostrar o que mostrava, reunir quem reunia, foi uma agressão. Os agredidos se espalham pelo mundo em forma de miséria, de vítimas de guerras, de fome, de doença, de angústia, insegurança, e de medo. Garanto que mesmo em Portugal, bastava alongar os

olhos pela janela de Alcoitão, onde a luz fincou luz à meia noite, como que por encomenda, para se ver que ali perto mesmo, à luz daquela lua encomendada, haviam agredidos, sorridente turma do sereno e acenar as mãos para os que passavam, rumo ao reino a que chamel de Passárgada, embora eu não estivesse, sem ser amiga do Rei. Assim, voltei de alma limpa, já disse tudo o que vi, na segunda-feira. Como jornalista, missão cumprida. Como gente, me situo entre os agredidos com aquilo tudo, pois afinal faço questão de ser solidária com as angústias deste mundo. O meu convite, que fique bem claro, era igual aos dos bacanas todos, porque não houve a não ser uma espécie de convite, sem classificações de espécie alguma. Foi solicitado a Antenor Patife por Pedro Leitão e Hugo Gouthier. Aliás, metade dos convites expedidos foi algum amigo do Patife quem pediu a ele ou a d. Beatriz. A filha deles me contou dos pedintes, em particular dos brasileiros. Senti foi estar ali naquele mundo cheio de gente reportável sem poder me identificar como jornalista, porque esta gente foge a entrevistas, como foge de estar falando com quem não conhece. Assim, só se falaram os conhecidos. Fiquem certos de uma coisa, não há mais lugar no mundo e no tempo para noite igual a que Antenor Patife inventou. Ainda bem que a tês em Portugal, que o acolheu e onde vive feliz. Se fosse fazer aqui no Brasil, haveria no mínimo uma passeata contra aves, galináceos e outras penugens...



COPIADO
12/10/68
12/10/68